

O ASSALTO

AUTOR: A. Martins

Número de personagens: 2 homens, 1 mulher e 1 menina

Personagens:

Vera: assaltante e amante de Rogério

Rogério: chefe do grupo

Paulão: assaltante

Menina: refém

Tema: três pessoas se unem para realizar um assalto que os tiraria da miséria e tudo dá errado.

Número de páginas: 13

Atos: 2

Número de exemplares: 1

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

TEATRO DE ARENA . 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

ATENÇÃO
O PROGRAMA DO ES-
PETÁCULO A QUE SE RE-
FERE ESTE TEXTO ESTA
SUJEITO A APROVAÇÃO
DA COMISSÃO DO RCDP, SR. DPE

(3)

3-uk
RS

12 ATO
===== TEATRO DE ARENA . 816-8148
Av. Borges da Medeiros, 835 - CEP 91300-000



(Um velho apartamento Duplex. Mobiliário pobre, aspecto de abandono. No centro uma mesa, pendente do teto, sobre ela, uma velha lâmpada cônica. 4 cadeiras espalhadas. A esquerda, uma porta. Uma escada, à direita. Ao fundo, uma janela que se abre para a rua. Em frente a mesma, um binóculo montado em um tripé. Um tic-tac enche o ar tenso.

Vera, Rogério e Paulão, observam a rua. Rogério, consulta o relógio. Paulão rói as unhas. Vera caminha em direção à mesa.

- VERA----- (Cessa o tic-tac) É demais de angustiosa esta espera. Eu já estou a beira da loucura. (ACENDE UM CIGARRO, AS MÃOS TRÊMULAS. LARGA O MAÇO EM CIMA DA MESA. VIRA-SE EM DIREÇÃO AOS DOIS) Por favor, falem alguma coisa, digam algo... mas não deixem este silêncio tomar conta...
- ROGÉRIO---- (VIRA-SE AGRESSIVO) Cale a boca.
- VERA----- Isto. Fale qualquer coisa, mas fale. Me xinga, me grite... mas fale...
(ROGÉRIO AVANÇA EM DIREÇÃO A VERA)
- PAULÃO---- Faça essa mulher calar a boca.
- ROGÉRIO---- Não se meta nisso, carinha...
- PAULÃO---- Porque? Por que? Isto aqui, não é o ninhozinho de amor de vocês. Nós fizemos uma sociedade, e nela, as paixões de você por esta "zinha", não me interessam.
(ROGÉRIO AVANÇA AMEAÇADOR, EM DIREÇÃO DE PAULÃO)
- VERA----- (INTERVÉM) Não, Rogério. Por favor. (ALCANÇA-O E O ABRANÇA) Não sejam loucos em brigar. Já não basta a tensão desta espera...
- ROGÉRIO---- (SUSPIRA FUNDO) realmente, não devemos perder a cabeça... agora. Estragaríamos tudo...
(PAULÃO OBSERVA-O SORRINDO CINICAMENTE. ROGÉRIO SENTA-SE. A CABEÇA ENTRE AS MÃOS)
- VERA----- Perdoem-me, eu estou tão nervosa... não é medo, mas sim, angústia... um peso no coração.
- ROGÉRIO---- Eu compreendo. Eu compreendo tudo. (FAZ UM GESTO VAGO) Falta só uma hora...
- PAULÃO---- (SONHADOR) Uma hora... e estaremos ricos...
- ROGÉRIO---- Ou mortos. Não conte com o ovo, antes da galinha botá-lo.
- PAULÃO---- Ué? Tu não tá pensando que vai "enzebrar", o negócio, né?
- ROGÉRIO---- Não podemos prever nada. Bolamos um plano perfeito. Durante tres meses, ~~na~~ planejamos, observamos... os transportes, a vigilância, tudo foi cuidadosamente cronometrado. Mas poderemos falhar... um mínimo detalhe, pode fazer ruir tudo...
- PAULÃO---- Ah! Mas aí vem a "catê" do paizinho. Se der alguma "zêbra", eu pego a minha "solinge", (PUXA DA NAVALHA) abro uma b-venida na cara do primeiro tira, dou um "catimbó" no outro, e nos mandamos, sacou? Por que comigo, carinha, ninguém se mete; sacou? Eu sou o Paulão. Sacou?
- ROGÉRIO---- Olha aqui, Paulão: lá (AFUNTA PARA A RUÁ), eu não quero saber de violência... se você, carinha, fizer algo desnecessário, poderá estragar tudo (CINICO), sacou?

- PAULÃO—— Tá legal! Mas se for preciso...
- ROGÉRIO—— (IGNORANDO) Agora, vamos recapitular a sequência do plano.
 (CONSULTA O RELÓGIO) Acertem comigo:
 (TODOS LEVANTAM O PULSO)
- ROGÉRIO—— São 10:00h. Temos 60m, até a hora do transporte. Você, Paulão, descerá agora, e ocupará seu posto. Qualquer coisa que você notar de anormal, na vigilância, ou no movimento, suba, e nos comunique. Exatamente as 10:45, atravessará em / direção ao Banco. Nos estaremos descendo...
 Às 10:50h, o carro blindado encostará na saída de serviço. Você, Paulão, já estará dentro do Banco, entra no WC, pula a janela, e dará no corredor do pátio. (OBSERVA OS DOIS)
 Até aí, correto? (OLHAR AFIRMATIVO DOS DOIS. VERA APERTA AO SEU ENCONTRO O BRAÇO DE ROGÉRIO) Teremos então 10m para agir. Às 11:00h, terminam os carregamentos, o guarda-chefe entra no banco, ficando somente dois a cuidar o carro. Corra então para fora, e enquanto eu ameaço os guardas, e você os empurra para dentro do corredor, e fecha o portão. Vera, já estará na direção do carro, você sobe na traseira, eu ao lado de Vera...(PAUSA) fugimos então em direção ao subúrbio.
- PAULÃO—— Joião. Tá tudo legal, comigo.
- ROGÉRIO—— É melhor você descer, agora.
- PAULÃO—— Tô indo. (SAI EM DIREÇÃO A PORTA. PARA BRUSCAMENTE. TIRA O REVÓLVER, EXAMINA-O. SORRI SATISFEITO. ABRE A PORTA)
- ROGÉRIO—— Não se descuide da hora, hem...
- PAULÃO—— (VIRA-SE. PISCA UM OLHO.) Até já. (SAI, FECHANDO A PORTA ATRÁS DE SI)
- ROGÉRIO—— (PENSANDO ALTO) Deus esquece-se de por um pouco de cérebro, no meio destes músculos...
 (PAUSA SILENCIOSA. VERA CAMINHA NERVOSA EM DIREÇÃO A JANELA. ROGÉRIO PEGA O MAÇO DE CIGARROS, DE CIMA DA MESA. ACENDE UM. TOSSE. PRAGUEJA BAIXINHO)
- VERA—— (VIRANDO-SE) Nervoso?
- ROGÉRIO—— (SACODE A CABEÇA, NEGATIVAMENTE) Só um pouco. (AVANÇA EM SUA DIREÇÃO) E você?
- VERA—— Não sei. Não dá para explicar.
- ROGÉRIO—— Você não pode falhar, Vera.
- VERA—— Eu não faria tal estupidez, você sabe que eu preciso desta "grana".
- ROGÉRIO—— Todos nós precisamos.
- VERA—— Com você é diferente.
- ROGÉRIO—— Por que?
 (OS DOIS FICAM FRENTE À FRENTE)
- VERA—— Por que vocês são homens. É tudo mais fácil. Tem tudo sempre ao alcance das mãos, e nunca precisam dar o corpo em troca.
- ROGÉRIO—— Cada um dá o que tem. E como você é "boa"... Pô, que maluco não cobiçaria o teu corpo? E depois, você é minha, agora. Se tiver que dar algo, será somente para mim. (TENTA ABRAÇÁ-LA)
- VERA—— (ESQUIVANDO-SE) Por que? Você já me comprou? Eu não quero mais ter "donos", Rogério. Eu agora quero ser livre.
- ROGÉRIO—— Não esqueça: eu tenho direitos sobre você... pelo menos por enquanto.
- VERA—— Que direitos? Você me tirou de um bordel, é verdade. Mas eu não pretendia sair de lá, para ser uma escrava. Depois do

- VERA----- (CONT.)... golpe, eu serei só. Completamente só!
- ROGÉRIO---- Isso é o que veremos.
- VERA----- Rogério, tente compreender, eu quero ser uma nova mulher... uma senhora...
- ROGÉRIO---- (CINÍCO) Você?... (GARGALHA) Impossível! Cômigo!
- VERA----- Por que? Acaso sou diferente das que nascem em apartamentos de cobertura? Das que vivem envoltas em sedas, e cheirando perfume francês?
- ROGÉRIO---- Não! Vocês, não são diferentes. As estradas que vocês percorrem, sim. A sua, Vera, não tem retorno. Hoje ou amanhã, estará de novo na vida, e um homem vai gastar seu dinheiro, lhe sorrir... e lhe jogar na sargeta: para de novo, um outro idiota como eu, ir te levantar.
- VERA----- Nunca! Eu já cansei, Rogério. Chegou prá mim, entendeu? Eu fui forçada a viver assim, por muito tempo. Agora basta!
- ROGÉRIO---- Forçada? Ninguém faz nada, forçado. Você simplesmente, seguiu exemplos: de sua mãe, de sua avó... seguiu exemplo de todas aquelas mulheres da favela.
- VERA----- Não, Rogério. Eu só era fraca. Eu não tinha dinheiro, para me dar forças, e me encourajar contra todas as tentações. (PAUSA) É como a gente se encontrar em um poço, profundo, escuro, e não ter onde se agarrar para sair. (PAUSA) Por isso, eu vou arriscar tudo em uma só cartada.
- ROGÉRIO---- Todos nós, estamos arriscando, Vera. Desde que nascemos, entre a imundície e a promiscuidade, nós arriscamos tudo. Em cada lata de água suja, em cada esquina daquela favela imunda, nós arriscávamos: a vida, o corpo e a alma. Mudar, agora? Não espere isso. Já trazemos enraizados no fundo do coração, o estigma da miséria humana... você já alugou tua alma, e nesta transação, não há chance de arrependimento.
- VERA----- Eu vou mudar, Rogério. Vou vencer tudo isso, e mudar.
- ROGÉRIO---- Você não acha difícil? Quando poderá fazer os teus olhos esquecer o que eles já viram? Toda a miséria... os tiros... os gritos... as noites vazias... a fome estampada em cada rosto? Quando poderá apagar de teus olhos, a imagem de teu pai, bebado, espancando tua mãe, noite após noite? (APROXIMA-SE DE VERA) Não, minha querida. Nós ficaremos sempre juntinhos, unidos por toda miséria que herdamos, e que deixaremos aos nossos filhos (ABRAÇA-A BRUTALMENTE) ...nossos filhos...
- VERA----- (EMPURRA-O REVOLTADA) Você também... você também é igual a todos os outros: só veem na mulher, um objeto que se pode levar facilmente para ~~em~~ a cama, usar... e abandoná-la, até que o instinto o domine novamente... Por isso, eu quero esquecer este submundo, quero ir para bem longe de todo o lodo que me cerca, aqui.
- ROGÉRIO---- Não é preciso você lembrar-me isso. Eu nunca me esqueço de que barro sou feito. Não sou eu, quem tento me iludir, mas você. Sei bem, que rolei da favela, e trouxe comigo todo o lodo de caminho; que dentro de mim, só existem duas coisas: ódio e recalque. Eu sei que a minha mesa, foi sempre a cama suja de um bordel (PAUSA) um bordel de onde tirei você, também.

VERA----- Mas eu não estava lá por que queria. Eu fui forçada. Queira você admitir, ou não, eu fui forçada. (RABA) Você sabe com que idade eu sai de casa, Rogério? Eu tinha nove anos... minha mãe, morreu de um parto, o nono; meu pai, nunca mais voltou ao nosso barraco. Eu até hoje lembro, sim: o cadáver frio de minha mãe, encima da única mesa que havia na casa... não havia vela, mas eu me recorde de umas poucas flores murchas, colocadas em suas mãos. E não havia lágrimas... só os olhos arregalados de 7 crianças... Não sei como tudo terminou. Fui então morar com uma vizinha, de meus sete irmãos, só ficou a saudade... nunca mais os vi. (PAUSA) Com nove anos, eu já cozinhava e lavava para doze pessoas, era explorada e maltratada. Eu já era um farrapo humano. (PAUSA)

ROGÉRIO---- Mas você poderia ter saído dali, para um lugar melhor...

VERA----- Uma noite... uma noite... (PERDE NO VAZIO O OLHAR ALUCINADO)

ROGÉRIO---- Fale... vamos, fale.

VERA----- (COM GRANDE ESPORÇO) O dono da casa chegou bebado. Xingou a mulher, bateu nos filhos, quebrou cadeiras, e mandou todos para rua, pedir... eu quis ir junto, mas ele não deixou. Pela primeira vez, eu sentia medo. Ele trancou a porta, e ficou a me olhar, com um sorriso selvagem nos lábios. Então eu chorei. Ele só sorria... chegou-se mais perto de mim, e tentou beijar-me... eu não queria... eu gritei... e ele me esbofeteou, me rasgou a roupa, me jogou no chão, e... (HISTÉRICA) Eu tinha doze anos, Rogério. Doze anos, compreendendo. Era uma criança, ainda. (DEBATA AOS BRANTOS) Eu não esquecerei nunca de onde vim, Rogério. É por isso que eu quero mudar. Para que os inocentes que se gerarem em mim, não passem o que passei... não tenham que juntar no lixo o almoço... e pensarem no amanhã, como uma desgraça.

ROGÉRIO---- Eu não sei se devo ter pena de você.

VERA----- Não quero mais ~~mais~~ piedade. Mas sim compreensão, Rogério.

ROGÉRIO---- Quando eu era menino, havia na favela uma mulher. Todos a conheciam por Chica... todos a maltratavam, e abusavam de sua fragilidade. Eu lhe tinha pena... muita pena... Quando meus amigos lhe atiravam pedras, era como se fossem em mim. Eu não podia compreender, por que não tinham pena daquela mulher. Um dia, eu fui falar com ela... queria lhe falar da minha estima, e da minha amizade. Ela estava encostada em um poste. Eu cheguei, um pouco receoso, toquei na sua mão... (DOLORIDO) sabe o que ela falou?... (SARGALHA)... sabe o que ela falou?... "VOCÊ AINDA É MUITO PEQUENO PARA FAZER ISSO, KAPAZ". Naquele momento, algo se quebrou dentro de mim, foi como um tabefe... eu fugi. Corria desesperado, sem saber para onde... Depois, já um homem, Chica voltava, em cada mulher que cruzava minha vida. Eu nunca poderia perdoar a podridão daquela vida, aquele olhar obsessivo, vazio... Eu havia-me tornado igual aos outros, e compreendido, porque todos os outros são assim.

VERA----- ~~Mãe~~ Mas não será por isso, que não teremos o direito de mudar, de desejar uma vida melhor... um amanhã tranqüilo para os nossos filhos.

ROGÉRIO---- Não! Gente da favela, não tem amanhã; somente o sol a sol, suando os corpos, e a noite insone de pernilangas e barriga roncando.

- ROGÉRIO— Não, Vera. Para nós, é um só caminho: a prostituição e o crime. Já saímos de lá, perdidos na noite escura da vida. Minha mãe foi cozinheira durante toda a vida. Ela não era uma má mulher, apenas um pouco vulgar. Uma vez, na escola que ela tanto queria que eu frequentasse, me atiraram em cara isto. Eu enraiveci... odiei o mundo naquele instante. Não quis ir mais a escola. Minha mãe, chorava e me batia todos os dias por causa disso; ela dizia, que a favela havia matado meu pai, e que iria me matar também... Eu ainda não podia entender o significado de suas palavras.
- VERA— Nem agora você entenderia, Rogério, nem agora.
- ROGÉRIO— Talvez não. Por que a fome endurece até o cérebro, Vera.
- VERA— Eu sei Rogério. Já passei por tudo isso. (PAUSA) Quando eu tinha dezesseis anos, consegui trabalho em uma fábrica... trabalhávamos, eu e mais setecentas mulheres, ganhando Cr\$ 0,10 por hora. (PAUSA) Quantas vezes eu sai daquele galpão, com a fome me roendo as entranhas, e ao chegar naquele quarto miserável da zona do cais, me atirava dolorida na cama... (CÍNICA) pronta para um novo dia de trabalho. Mas eu aguentava aquele martírio, firme... eu queria mesmo melhorar, ~~em~~ ter um destino diferente de todas as outras...
- ROGÉRIO— Mas não resistiu, não é? Não conseguiu resistir, e foi a cabar em um bordel... como todas as outras.
- VERA— Não foi assim. Você não pode compreender, não adianta. Eu não procurei um bordel, tampouco ele foi ~~at~~ ao meu encontro... o destino foi quem nos colocou frente a frente. Um dia a gente cansa de deitar e acordar com fome, de sentir os pés frios à noite, e não ter um farrapo para se cobrir. Então vem o desatino. Você troca qualquer coisa por um canto quente, e um prato de feijão.
- ROGÉRIO— Continua sendo uma história igual as outras. Sempre rolando em torno da minha filosofia: és lódo, e ao lódo retornarás.
- VERA— Tente pelo menos compreender, Rogério. Eu havia sido despedida da fábrica... durante dias, bati de porta em porta, em busca de um emprego... fosse qual fosse... uma noite, eu fiquei sem cama... nessa noite, eu fui mulher pela segunda vez. Mas ali, eu estava consciente, Rogério. Não estigmas me forçando, era somente a fome... o dinheiro...
- ROGÉRIO— Agora, você tenta um golpe sujo, para se libertar de um passado sujo. Isto não irá gerar mais sujeira?
- VERA— Com um pouco de força de vontade, não.
- ROGÉRIO— Se buscareś em teu passado, talvez não encontre. Ou será que a figura de teus irmãos, espezinhados, amassados, pela vida... de teu pai bebado, do corpo frio de tua mãe... Ou o neurose da noite de tua sedução, poderão te dar "força de vontade"?
- VERA— ~~Ei~~ É nisso, que reside toda ela.
- ROGÉRIO— Eu tenho pena de teu futuro...
- VERA— Pois minha piedade, é pelo teu presente.
- ROGÉRIO— O "nosso" presente. É ele, é feito de realismo. De barriga cheia a custa de crimes, de noites de satisfações, em troca de vinganças. Ele te enoja?
- VERA— Não. Somente me torna triste.

- ROGÉRIO--- A verdade, é sempre dura. Por isso não gostamos de admiti-la.
- VERA----- Eu não estou negando a verdade.
- ROGÉRIO--- Mas esta distorcendo-a.
- VERA----- E isto é um crime?
- ROGÉRIO--- Talvez não baste para uma condenação.
- VERA----- E quem seriam os juizes? Você? Seus parceiros de crimes?
- ROGÉRIO--- Eu já te disse.
- VERA----- Quem?
- ROGÉRIO--- O teu passado. Todos os fantasmas que povoam tuas recordações...
as neuroses da tua alma...
- VERA----- Você não desiste. Não é mesmo?
- ROGÉRIO--- Desistir... de que?
- VERA----- De me tentar convencer que eu já apodreci... totalmente.
- ROGÉRIO--- Se já não existem mais argumentos, eu desisto.
(VERA CAMINHA EM DIREÇÃO À JANELA, ENCOSTA-SE DOLENTEMENTE,
COM O OLHAR PERDIDO NA RUA.
ROGÉRIO SENTA-SE NA ESCADA, A CABEÇA ENTRE AS MÃOS,
VERA OBSERVA-O DE SOSLAIO, ROGÉRIO CONSULTA O RELÓGIO.
- VERA----- Quanto tempo temos, ainda?
- ROGÉRIO--- (LACÔNICO) 10 m.
- VERA----- 10 longos minutos... engraçado, este tempo pode parecer tão insignificante, mas não se nos dermos conta, que ele pode decidir uma vida.
Sabe, Rogério: Eu as vezes tenho vontade de ser uma folha seca, dessas que caem aos ~~xxx~~ milhares no outono... e quando batesse o vento, ir com ele, para bem distante... distante de tudo, Eu sei que é um pensamento idiota, infantil... mas... (SUSURRADO) Sonhar eu posso, não é?
- ROGÉRIO--- Não sei. Eu já não sei mais o que se pode ~~xxxx~~ ou não fazer. Eu estou confuso. Este jogo de recordações, de insultos e de verdades, me deixou perdido. (SUSPIRA FUNDO) Mas foi melhor... tudo a pratos limpos... depois do assalto, você será uma outra mulher... uma nova mulher, e eu continuarei o meu antigo caminho... bem longe, distante do seu... para não manchar a tua pureza.
- VERA----- Mas não é isso que eu quero, Rogério. Eu gostaria, que nós dois pudessemos mudar... que todos pudessemos mudar...
- ROGÉRIO--- Você quer algo impossível.
- VERA----- Somos nós quem tornamos as coisas impossíveis. É como um jogo hipnótico... uma sugestão coletiva.
- ROGÉRIO--- Você vai perder a parada, Vera.
- VERA----- Eu vou conseguir a vitória. Sómente para mostrar a vocês, que tornarmo-nos melhor, não é assim tão impossível.



Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



- ROGÉRIO--- Você será apenas mais uma, a tentar escalar a pirâmide. E, é bom não esquecer, que muita coisa te prende aqui embaixo. Você poderá cair, Vera. E o submundo, não perdoa, quem tente fugir as suas garras.
- VERA----- Eu não me esquecerei dos teus conselhos.
- ROGÉRIO--- Tomara. (PAUSA) Mas ainda tem uma coisa... o fator mais importante:
- VERA----- Qual?
- ROGÉRIO--- Ela, não irão te aceitar lá em cima.
- VERA----- Não se esqueça que eu terei dinheiro, Rogério. E o dinheiro compra tudo.
- ROGÉRIO--- Não há jeito, Vera. Convença-se! Um dia, o passado volta, e te pega por uma perna.
- VERA----- Eu irei para bem longe. Para onde não me conheçam.
- ROGÉRIO--- Para qualquer lugar que foras, você será sempre uma estranha... e estranhos, sempre geram suspeitas. (PAUSA) É como entrar de "Carão" em uma festa. Sempre há alguém que descobre.
- VERA----- Mas eu não pretendo furar o baile, Rogério... eu vou comprar um lugar nele.
- ROGÉRIO--- Eu espero que você consiga... sinceramente.
(VERA OBSERVA PREOCUPADA A RUA, ROGÉRIO NOTA, E INTERVEM)
Não se preocupe, temos (OBSERVA O RELÓGIO) 5 minutos, ainda. É tempo suficiente...
- VERA----- Para que?
(ROGÉRIO NÃO RESPONDE; DIRIGE-SE AO ARMÁRIO, TIRA DOIS REVÓLVERS DELE. ENTREGA EM SILÊNCIO, UM À VERA. SENTA-SE À BEIRA DA MESA. E EXAMINA O SEU)
(VERA FAZ O MESMO QUE ROGÉRIO. DEPOIS, FICA A OLHAR O REVÓLVER, ESPALMADO EM SUA MÃO)
- ROGÉRIO--- O que te prende assim, o olhar?
- VERA----- (COMO DESPERTANDO) Não sei... eu senti a morte tão perto de minhas mãos... tão fácil... e mesmo assim, me senti presa.
- ROGÉRIO--- (SACODE OS OMBROS, COMO NÃO ENTENDENDO O QUE DISSE VERA. DIRIGE-SE À MESA., E PEGA DELA DUAS MÁSCARAS; ENTREGA U MA À VERA)
Pegue a sua. É melhor irmo-nos preparando.
(VERA ESTENDE A MÃO. AO SEGURAR A MÁSCARA, ROGÉRIO ENTRELAÇA OS SEUS DEIDOS; VERA PULSA BRUSCAMENTE A MÃO)
- ROGÉRIO--- Eu gostaria de ter a felicidade ao seu lado; se não fosse tão alto o preço que você pede por isso, eu correria todos os caminhos até encontra-la.
- VERA----- Não adiantaria.
- ROGÉRIO--- Por que?
- VERA----- Nós nunca encontramos a felicidade, correndo atrás dela; para encontrá-la, precisamos, somente abrirmos nossos corações.



O ASSALTO - 2 Atos de A. Martins

118

VERA--- (CONT.)... deixarmos entrar à vontade... e hoje, eu percebi que
você, nunca poderia fazer isso.

ROGÉRIO--- Você acha que não?

VERA----- (MOVE NEGATIVAMENTE A CABEÇA) O teu coração, é como uma maloca
de favela... está cheia de ansis... miséria, reclames, ódios...
É seria preciso esvaziá-la, para dar lugar a felicidade.

ROGÉRIO--- Talvez você tenha razão. Mas entre um sol a sol, e outro, você
não disse que pode surgir um amanhecer?

VERA----- Para quem não crê no amanhecer, ele nunca virá, Rogério.

ROGÉRIO--- Mas eu posso mudar, também. Como você!

VERA----- VOCÊ pode enganar aos outros, mas não a si mesmo. E enquanto
isso se realizar, tudo não passará, de vãs palavras. As vezes, re-
negamos a luz, sem saber que com isso, iremos morrer nas trevas.
(VERA, VIRA AS COSTAS E SAI.

ROGÉRIO, PERPLEXO, NO MEIO DO PALCO.

O MESMO TIC-TAC DO INICIO, SURGE, CRESCENDO VIOLENTAMENTE, ATÉ
TORNAR-SE INSUPORTÁVEL.

ROGÉRIO SAI BRUSCAMENTE.

AS LUZES, PERDEM REALIDADE, ENQUANTO O PANO, FECHA-SE LENTAMENTE.

FIM DO 1º ATO

2º ATO

=====



(LOCAL: O MESMO.)

HORA: 11:00 h

A CENA ESTA SÓ. O TIC-TAC, MONÓTONO E ANGUSTIANTE, ENCHE O AR FORA. Ouve-se um tiro, seguido após, de um grito.

Mais dois tiros. Gritos.

(O TIC-TAC, TORNA-SE ENSURDECEDOR. CESSA COM A ENTRADA VIOLENTA DE ROGÉRIO, QUE ARRASTA PELO BRAÇO UMA MENINA.

VERA ENTRA A SEGUIR; TRANCA A PORTA, E ENCOSTA-SE NELA, COMO A ESCORA-LA; ESTA TRÊMULA, E SEU ROSTO, EXPRESSA DESESPERO. AMBOS ESTÃO DE MÁSCARA.)

ROGÉRIO---- Aquel estúpido. Eu nunca deveria ter confiado naquela cabeça oca. É só massa bruta, sem um pingo de miolos.

VERA----- (AFASTANDO-SE DA PORTA. ENCOSTA-SE NA MESA) Não foi culpa dela. Ninguém poderia imaginar, que aquele guarda, fosse reagir.

ROGÉRIO--- Ele nunca deveria ter atirado. (PAUSA) Olhe lá, (APONTA A RUA) olhe o que ele conseguiu? Que abrisse sua cabeça dura, com dois balaços, e o deixassem estendido na faixa. (A GAROTA REMEXE-SE) E a situação em que nos deixou? Encurralados como ratos, com toda a policia à nossa volta.

VERA----- Você concordou, que estaríamos arriscando.

ROGÉRIO--- Sim, eu concordo em arriscar. Mas não estupidamente. (VERA SACODE OS OMBROS, DESALENTADA. SOLTA O REVÓLVER EM CIMA DA MESA. FICA ESTÁTICA, CABISBAIXA. A GAROTA REMEXE-SE, TENTA SOLTAR A MÃO DE ROGÉRIO, QUE APERTOU SEU BRAÇO.)

ROGÉRIO--- Quieta!

MENINA----- Por favor...

ROGÉRIO---- (ATIRANDO-A VIOLENTAMENTE NO CHÃO) Se você não ficar quieta, (TIRA UMA FACA DO BOLSO, E MOSTRA-LHE) eu lhe corto este lindo pescocinho, entendeu?

(A MENINA ENCOLHE-SE HORRORIZADA. PAULO TRANCA A PORTA, E ESCOLA A COM UMA CADEIRA.

VERA ESTA TENSA, O OLHAR PERDIDO NO VAZIO.)

ROGÉRIO--- E agora?

VERA----- (SEM OLHA-LO) Chegamos ao fim do beco, Rogério!

ROGÉRIO--- Não diga besteira. (PAUSA) Tem que haver uma saída. (VERA NÃO DEMONSTRA REAÇÃO)

ROGÉRIO--- (OLHANDO A GAROTA) A guriz, pode nos facilitar a fuga... mas como fazer, para sairmos daqui?

VERA----- Pelo menos, desta vez, admita a verdade: nós perdemos a parada.

ROGÉRIO--- Não é a primeira vez, que a sua verdade, é diferente da minha.



VERA----- Você não acha, que a verdade é uma só?

ROGÉRIO--- Ora, cale-se!

FORA- Ouvem-se sirenes de carros policiais. Freadas diversas.

(ROGÉRIO CORRE À JANELA. A MÃO APERTA COM FORÇA O REVOLVER.

VERA NÃO SE MOVE.

O TIC-TA, VOLTA VIOLENTAMENTE; CESSA COM A VOZ QUE VEM DE FORA;

FORA- VOZ--- (MEGAFONE) Atenção! Quem fala, aqui, é o delegado Ricardo. Nós sabemos que vocês estão aí, e nos ouvindo. O prédio, já está todo cercado, é melhor mandarem a menina, e descerem... (PAUSA) Vocês não tem chance...

ROGÉRIO--- (ENTREDENTES) Maldição. (COM AS MÃOS EM CONCHA, CRITA PARA FORA) Olhem aqui, seus sujos: nós não vamos nos entregar; e se, vocês derem um passo em nossa direção, eu mato a garôta, compreenderam (SILÊNCIO. ROGÉRIO PUXA A GARÔTA, E COLOCA-A A MOSTRA NA JANELA. VERA ESTA CADA VEZ MAIS TENSA. O ROSTO LÍVIDO, A BÓCA ENTREABERTA.)

FORA- VOZ--- (MEGAFONE) Vocês tem 5 minutos, para mandar a garôta, e descerem. Se não fizerem isso, nós subirmos.

ROGÉRIO----- E se você fizer isso, a garôta morre. (SILÊNCIO)

VERA----- (PARECENDO ACORDAR) É melhor nos entregarmos, Rogério. De nada adiantará qualquer resistência, agora.

ROGÉRIO--- (ABANDONADO A JANELA. ATIRA A GAROTA BRUTALMENTE NO CHÃO) Nada! O Jogo continua, ainda.



- VERA..... (SUSSURRADO) Mas nós já o perdemos, Rogério.
- ROGÉRIO..... Eu posso ter perdido os "azes", (APONTA A GAROTA) mas ainda tenho a "Dama".
- VERA..... Eu não acredito que você vá fazer mal a ela.
- ROGÉRIO..... Não... não vou não. Sómente mata-la se preciso.
- VERA..... Rogério, talvez tudo seja melhor assim... talvez seja isto, um amanhocer, aceite-o., por favor!
- ROGÉRIO..... Eu jamais me entregarei, Vera.
- VERA..... Rogério, nós ainda não temos uma falta grave... ainda há tempo.
- ROGÉRIO..... Eu não quero que você diga mais nada.
- VERA..... Não, Rogério. Agora é que você tem que ouvir.
- ROGÉRIO..... Cale-se!
- VERA..... Rogério! Desta maneira nós estaremos recomeçando tudo... voltando ao lugar de onde queríamos fugir. Sim, de uma maneira ou outra, nós dois fugíamos: de miséria... de fome... para a escuridão, ou para a luz... (AVANÇA ATÉ ROGÉRIO, E CAI AJOELHADA AO SEUS PÉS). Por favor, Rogério... POR FAVOR, DESISTAMOS desta loucura...
- ROGÉRIO..... (AFASTANDO-A BRUSCAMENTE) não tente me iludir com mimosuras. Eu comecei a jogar, e vou até o fim; E você vai comigo, entendeu? Seja qual for o fim disto tudo, ele será o seu fim.
- VERA..... (LEVANTANDO-SE) Eu não tenho medo... você sabe que eu não tenho medo.
- ROGÉRIO..... Então não demonstre tanta covardia.
- VERA..... É covardia, temer a morte? Você mesmo disse, que a gente arrisca, mas não estupidamente.
- FORA. (PASSOS SUBINDO A ESCADA. Vozes)
- VERA..... Eles chegaram, e agora?
- (ROGÉRIO NÃO RESPONDE. DE UM SALTO, ALCANÇA A GAROTA. VERA RECUA ATÉ A MURTA)
- FORA- VOZ..... (NORMAL) Nós já estamos aqui. Vocês ainda, tem tempo... Soltem a menina e saiam de braços erguidos.
- ROGÉRIO..... (COM O REVÓLVER ENCOSTADO NA TESTA DA MENINA, SEMI-DESMALHADA) Se vocês tocarem na porta, eu arrebento os miolos dessa te guria.

(SILÊNCIO. O TIC-TAC, VOLTA LENTAMENTE.

ROGÉRIO AVANÇA PARA A ESCADA, ARRASTANDO A GAROTA, UM BRILHO DE LOUCURA NOS OLHOS.

VERA, TRÊMULA, MANTÉM O OLHAR FIXO NO CORPO DA GAROTA, COMO SE ALI, DEVASSASSE UMA VERDADE TERRÍVEL.

FORA- VOZ--- Agora! TODOS! (BAQUE VIOLENTO NA PORTA.)

(ROGÉRIO ESTÁ NO ÚLTIMO LANCE DA ESCADA. PARA VIRAR PARA A PORTA.)

ROGÉRIO--- Olhem aqui, seus tires imundo, eu vou matar a garota, agora... mais uma forçada na porta, e a garota vai pro "baleléu"...

(A MENINA, VOLTA A SI. ESTA ATERRORIZADA. ROGÉRIO, COM UM SORRISO MORDAZ, LHE APONTA O REVÓLVER. A MENINA ATERRE ROZIZADA.

O TIC-TAC VAI ADMENTANDO.

A CENA ESTA ESTÁTICA.

VERA OBSERVA, TRANSPORNADA, ROGÉRIO E A MENINA, NO ALTO DA ESCADA; SUA MÃO DESLIZA PELA MESA. SEGURA FIRME O REVÓLVER.

ROGÉRIO ENGATILHA... PREPARA-SE PARA ATIRAR)

GAROTA----- (ROUCA, ENTRE LÁGRIMAS) Não... não... por favor, não.

(ROGÉRIO TREME A MÃO. SEU DEDO, VENGE AOS POUCOS A RESISTÊNCIA DO GATILHO;

VERA CRISPA OS LÁBIOS! A FACE CONTRAI-SE, EM UMA MÁSCARA DE ESGAR. LENTAMENTE, LEVANTA A MÃO, QUE EMPUNHA O REVÓLVER, E NUM GESTO RÁPIDO, DETONA.

ROGÉRIO CAI.

O TIC-TAC CESSÁ.

VERA, CAI LENTAMENTE DE JOELHOS; CHORA.

A PORTA ESTALA, E ABRE-SE ENTRA O DELEGADO, SEGUIDO DE POLICIAIS. PARAM, CHOCADOS, SEM ENTENDER O QUADRO QUE SE APRESENTA AOS SEUS OLHOS.

VERA----- (EM LÁGRIMAS) Eu não quero isso. Não, não queria. Mas ia começar tudo de novo. Eu queria uma nova vida... mas como poderia mudar, pagando este preço? (PAUSA) Não, não se encontra a paz, roubando-a dos outros... (O DELEGADO





O ASSALTO - 2 Atos de A. Martins

fl. 13

VAZ STIVAL QUE LEVEM A GAROTA) Na verdade, só agora eu descobri, que para encontrarmos o mundo, precisamos encontrar a nós mesmos... (OLHA PARA O DELEGADO. TENTA SORRIR-LHE) Esta é uma grande lição, e nós sempre esquecemos dela. Mas talvez, a solidão de uma cela, me ajude, e quando eu sair de lá, quando eu sair de lá...

(O DELEGADO LEVANTA;

UM POLICIAL, LHE COLOCA ALGUMAS, E LHE CONDUZ PARA FORA;
DA PORTA, VERA LANÇA UM ÚLTIMO OLHAR SOBRE O CORPO ESTENDIDO DE ROGÉRIO. SAI.

A CENA FICA SÓ.

O TIC-TAC VOLTA;

AS LUZES SE APAGAM. SÓ UMA, ILUMINA O CORPO DE ROGÉRIO.

FECHA O PANO.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

FIM

TEATRO DE ARENA - 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90020

Vel/75